



Tradução, transculturalidade e ensino: de Christine de Pizan à contemporaneidade

Luciana Calado Deplagne
Roberto Carlos de Assis (Orgs)



O livro *Tradução, transculturalidade e ensino: de Christine de Pizan à contemporaneidade*, organizado por Luciana Calado Deplagne e Roberto Carlos de Assis a partir das contribuições do VI Seminário de Estudos Medievais e do V Encontro Nacional de Cultura e Tradução, ambos ocorridos em 2021, oferece ao leitor um resgate teórico de caráter multidisciplinar da Tradução, que inicia na Idade Média e chega ao século XXI. Seus capítulos compartilham pesquisas desenvolvidas em torno da obra de Christine de Pizan e abrem espaço, portanto, para correntes diversas da contemporaneidade, que vão dos Estudos Literários Medievais aos Estudos Decoloniais, passando por variadas abordagens filosóficas e literárias, enquanto releem e aplicam autores hoje canônicos, tais como Spivak, Derrida ou Butler.

Partindo da autora de manuscritos, ilustradora e tradutora Christine de Pizan, considerada como um marco dos estudos relativos às mulheres e cujos textos teceram críticas às desigualdades de direitos entre os sexos, à misoginia e à organização da sociedade na Era Medieval, esta obra lança luz na escuridão que se abateu durante séculos sobre a presença e o papel das mulheres na sociedade. Sua trajetória tem similitudes com a de Marie de France que, dois séculos antes, não só recuperou as fábulas de Esopo e Fedro e nelas introduziu temas relativos ao seu tempo, como as relações sociais entre os diferentes grupos, mas também abordou a importância do ato de traduzir. Nesta obra, descobrimos o quão inovador foi o caminho trilhado por Christine de Pizan, que, com suas traduções, promoveu releituras das obras de Dante e Boccaccio, inspirando tantos outros, e revelou, *avant la lettre*, a importância da Tradução na produção e na transmissão do conhecimento.

O resgate histórico da trajetória dessas mulheres, assim como de tantas outras submersas pelo desejo do patriarcado, bem como as análises que ele permite, mudarão pouco a pouco nossa maneira de ver e compreender o mundo.

Patrícia Chittoni Ramos Reuillard
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Coordenadora do GT de Tradução da Anpoll
(2022-2023)



Luciana Calado Deplagne. Doutora em Teoria Literária pela Universidade Federal de Pernambuco, estágio doutoral na Universidade Blaise-Pascal (Clermont-Ferrand), estágio pós-doutoral na Universidade Nova de Lisboa (Portugal) e na Universidade de Poitiers (França). Professora do DLCV e do PPGL da Universidade Federal da Paraíba. Tradutora de *A Cidade das Damas* (Pizan), *A escravidão dos negros* (De Gouges), *O riso da medusa* (Cixous). Coordenadora do Grupo Christine de Pizan (CNPq).



Roberto Carlos de Assis. Doutor em Linguística Aplicada, com área de concentração em Estudos da Tradução, pela Universidade Federal de Minas Gerais. Presidente da Associação Brasileira de Pesquisadores em Tradução - ABRAPT (2017-2019). Vice coordenador do GT de Tradução da Associação Nacional de Pós graduação e Pesquisa em Letras e Linguística - Anpoll. Professor Associado do Departamento de Mediações Interculturais da Universidade Federal da Paraíba, atuando no Bacharelado em Tradução e no Programa de Pós Graduação em Letras - PPGL.

**Luciana Calado Deplagne
Roberto Carlos de Assis
(Orgs.)**

**TRADUÇÃO,
TRANSCULTURALIDADE E ENSINO:
De Christine de Pizan à contemporaneidade**

**PPGL/PROPESQ/CNPq
Grupo Christine de Pizan
2022**



PROPESQ
Pró-Reitoria de Pesquisa UFPA



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

Valdiney Gouveia
Reitor

Liana Filgueira Albuquerque
Vice-reitora

Valdir de Andrade Braga
Pró-Reitor de Pesquisa

Rodrigo Freire de Carvalho e Silva
Diretor

Marcelo Sitcovsky Santos Pereira
Vice-Diretor

Daniela Maria Segabinazi
Coordenadora do PPGL

Adriana Cláudia de Sousa Costa
Capa

Todos os textos são de inteira responsabilidade dos respectivos autores.

COLEÇÃO PÓS-LETRAS

Conselho Científico Editorial

Alice Tavares (Universidade Nova de Lisboa)
Ana Cristina Bezerril Cardoso (UFPB)
Ana Miriam Wuensch (UnB)
Camila Nathália de Oliveira Braga(UFPB)
Cícera Antoniele Cajazeiras da Silva — UFERSA
Cláudia Brochado (UnB)
Guilherme Queiroz (UFPB)
Helano Ribeiro (UFPB)
Juan Pablo Martín Rodríguez (UFPE)
Juliana Steil (UFPEl)
Luciano J. Vianna (UPE)
Maria Graciele de Lima (UFPB)
Martina Matozzi (Universidade de Coimbra)
Monique Pfau (UFBA)
Paloma de Oliveira (SEECT-PB)
Renan Marques Birro (Universidade de Pernambuco/Campus Mata Norte)
Sinara de Oliveira Branco (UFCEG)
Tânia Liparini Campos (UFPB)
Wiebke Röben de Alencar Xavier (UFRN)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
REITOR: VALDINEY VELOSO GOUVEIA
VICE-REITORA: LIANA FLIGUEIRA CAVALCANTE



CENTRO DE COMUNICAÇÃO TURISMO E ARTES
DIRETOR: ULISSES CARVALHO SILVA
VICE-DIRETORA: FABIANA CARDOSO SIQUEIRA



EDITOR

Dr Ulisses Carvalho Silva
CONSELHO EDITORIAL DESTA PUBLICAÇÃO

Dr Ulisses Carvalho Silva
Carlos José Cartaxo
Magno Alexon Bezerra Seabra
José Francisco de Melo Neto
José David Campos Fernandes
Marcílio Fagner Onofre

SECRETÁRIO DO CONSELHO EDITORIAL

Paulo Vieira

LABORATÓRIO DE JORNALISMO E EDITORAÇÃO

COORDENADOR

Pedro Nunes Filho

Ficha catalográfica elaborada na Biblioteca Setorial do CCTA da Universidade Federal da Paraíba

T758 Tradução, transculturalidade e ensino: De Christine de Pizan à contemporaneidade [recurso eletrônico] / Organização: Luciana Calado Deplagne, Roberto de Assis. - João Pessoa: Editora do CCTA, 2022.

Recurso digital (4,35 MB)

Formato: ePDF

Requisito do Sistema: Adobe Acrobat Reader

ISBN: 978-65-5621-292-0

1. Literatura Medieval. 2. De Pizan, Christine, 1363-1430 – Escritos. 3. Tradução, literatura e cultura. 4. Historiografia.
I. Deplagne, Luciana Calado. II. Assis, Roberto de.

UFPB/BS-CCTA

CDU: 82'04

Elaborada por: Susiquine R. Silva CRB 15/653

A polímata Hildegarda de Bingen

Maria Cristina Martins¹

Introdução

Este texto resulta da palestra de abertura proferida no VI Seminário de Estudos Medievais na Paraíba (VI SEMP). Inicialmente, faremos referência a algumas mulheres que se destacaram intelectualmente na Antiguidade e na Idade Média, seja pela sobrevivência de suas obras, seja pela referência que delas fizeram alguns autores. Em seguida, apresentaremos em linhas gerais a vida e a obra de Hildegarda de Bingen, abordando particularmente a sua obra científica. Dela, extrairemos algumas plantas utilizadas para tratamento, procurando inclusive resgatar as bases da medicina natural em contexto histórico.

Algumas Mulheres Intelectuais na Antiguidade e Idade Média

No mundo antigo, o acesso à educação dava-se a uma parcela muito pequena da população, normalmente da classe alta e do gênero masculino. Podemos considerar afortunadas as mulheres que deixaram obras escritas para a posteridade. Muitas vezes, só sabemos dessas contribuições por fontes indiretas. Não negamos os importantes papéis desempenhados pelas mulheres, em diversas áreas, ao longo da história da humanidade, servindo como rainhas, conselheiras, sacerdotisas, vestais e mulheres virtuosas do lar.

Enheduana, princesa, sacerdotisa e poetisa sumeriana, que viveu no século XXIII a.C., é a primeira pessoa identificada como tendo produzido uma obra literária, cujo nome e parte significativa chegaram até nós. Trata-se, portanto, da escritora mais antiga de que temos notícia (GLASSNER, 2008).

Na época clássica do Império Romano, no século I a.C., Hortênsia, filha de um advogado famoso – Quinto Hortêncio Hortalo –, contemporâneo de Cícero, foi responsável por resguardar o patrimônio e a vida de um grande grupo de mulheres, mediante sua intervenção

¹ Doutora em Linguística (Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP). Professora Associada de Língua e Literatura Latinas, lotada no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da UFRJ. Contato: cristina.martins@ufrgs.br

pública em um julgamento político. Hortência livrou a si e a milhares de cidadãs romanas da possível condenação à morte pelo não pagamento de tributos, sem base legal prévia. Seus discursos não sobreviveram, mas a informação nos foi transmitida por fonte indireta, por meio dos escritos do historiador Valério Máximo (TONATO, 2019, p.17). Quinto Hortênsio Hortaló é considerado o maior orador e causídico romano da Antiguidade. Dentre tantas causas, a mais famosa é a que defendeu Verres, governador da Sicília. No entanto, Cícero, advogado de acusação de Verres, ganhou a causa. O seu discurso de acusação contra Verres pode ser lido em *in Verrem*.

Na Antiguidade Tardia, algumas mulheres se destacaram intelectualmente, embora os escritos da maioria delas não tenham sobrevivido. Tecla (séc. I d.C.), Marcela (325-410), Paula (347-404), Melânia, a Velha (340-410), Olímpia (361-408), Melânia, a Jovem (383-439), Hipátia (c.351-415), Pelágia (430-457) e Egéria (séc. IV) são alguns nomes. Dentre essas, somente a obra de Egéria chegou até nós, ainda que de modo incompleto, pois contamos apenas com o último ano de sua viagem, realizada de 381 a 384 d.C., aos Lugares Santos. De qualquer modo, a obra de Egéria, conhecida como “Itinerário de Egéria” ou “Peregrinação de Egéria”, não é um texto propriamente fragmentado, uma vez que sua narrativa é coesa e coerente. O texto tem sido estudado, desde que foi descoberto, em 1884, sob diversos ângulos: filológico, teológico, histórico e litúrgico. Divide-se em duas partes: a primeira parte é um diário de viagem aos Lugares Santos da História Sagrada; a segunda parte é uma descrição da liturgia de Jerusalém. Vale lembrar igualmente que existem fragmentos da Paixão de Santa Perpétua e de Santa Felicidade, ambas mártires cristãs de cerca de 202 e 203. Trata-se de uma das obras mais antigas que se tem notícia escrita por mulheres, apesar de que um terço dela foi ditada na prisão, e dois terços de toda obra não foram nem ditadas pelas mártires (FÁVARO et alii, 2019).

Dentre as damas da alta sociedade romana do IV século, sobressaem-se Marcela e Paula, amigas, alunas e patrocinadoras dos empreendimentos de Jerônimo. Marcela, posteriormente santificada, assim como Paula, foram as destinatárias de várias cartas de São Jerônimo, em resposta às perguntas pontuais que elas lhe dirigiam sobre a interpretação das Sagradas Escrituras. Infelizmente, as cartas de Marcela e de Paula não sobreviveram. Contamos apenas com as cartas de Jerônimo que respondem às perguntas dessas santas. Quase tudo o que sabemos sobre Paula e Marcela provém das cartas de Jerônimo que foram endereçadas a elas ou que falaram sobre elas.

Na Idade Média, Rosvita de Gandersheim (935-1002), Heloísa de Argenteuil (1090-1164), Elizabeth de Schönau (1129-1164), Herrad de Lansberg (1130-1195), Trótula de Salerno (1050-1097) e Hildegarda de Bingen (1098-1179) são hoje bem conhecidos, porque

representam uma minoria de mulheres escritoras. Rosvita, abadessa beneditina, foi a primeira poetisa de origem germânica na Idade Média. Heloísa tornou-se célebre pela correspondência trocada com Abelardo, revelando o amor entre os dois e a tragédia a que estiveram submetidos. Elizabeth de Schönau, abadessa beneditina, teve experiências místicas e escreveu sobre elas. Herrad de Landsberg, também ligada à Igreja Católica, foi a primeira mulher a escrever uma enciclopédia em forma de gravuras - *Hortus Deliciarum* “O Jardim das Delícias”. Trótula foi a primeira médica ginecologista e obstetra da Escola de Salerno. Legou-nos obras importantíssimas sobre os cuidados pós-parto e sobre as doenças femininas. Todas essas mulheres escreveram em latim, sendo Hildegarda de Bingen a que possui o maior número de obras. Hildegarda, sem dúvida, foi uma figura excepcional na literatura latina medieval, pela quantidade e diversidade de sua produção escrita. Entre todos os autores medievais, segundo Peter Dronke (1984), só Avicena é comparável a ela.

Leonor da Aquitânia (1122 - 1204) é outro nome digno de menção. Patrocinou diversas figuras literárias importantes, como trovadores e poetas ligados ao amor cortês, além de várias ordens e congregações religiosas católicas, como a Abadia de Fontevraud. Guilherme IX, o Trovador (1071 - 1126) era seu avô, tendo sido um dos primeiros poetas e trovadores de uma língua vernacular. Leonor nasceu na corte mais literata e culta do seu tempo. Liderou exércitos várias vezes durante sua vida e foi uma das líderes da Segunda Cruzada (1147-1149). Foi incentivadora do culto ao feminino e contemporânea de Hildegarda. Há uma brevíssima carta de Hildegarda² em resposta à que lhe havia sido enviada por Leonor. Infelizmente, ignoramos as circunstâncias que levaram Leonor a procurar Hildegarda, pois não possuímos nenhuma carta de Leonor de Aquitânia, na época, esposa do rei Henrique II da Inglaterra. Em sua resposta, Hildegarda não menciona nenhum fato específico, apenas aconselha que Leonor permaneça serena com Deus e com os homens, e que, assim, a bênção e a ajuda de Deus a acompanharia em todos os seus empreendimentos (LENOIR, 2007, p.163).

A partir do século XIII, o número de mulheres escritoras aumentou, tendo sido Christine de Pizan (1363 - 1430) a primeira mulher cuja profissão era a de escritora, vivendo em um ambiente urbano. Além de escrever, dirigiu um atelier de copistas e iluminadores. Por ter feito uma reflexão em torno das diferenças entre homens e mulheres, Christine de Pizan antecipou os estudos de gênero, sublinhando o fosso entre homens e mulheres, em seu livro *La cité des dames* (LLOBET, 1999).

² Ep. 318, conforme a edição de Van Acker, 1993, *Corpus Christianorum Continuatio Mediaevalis* - CCCM, apud LENOIR (2007, p.163).

Hildegarda de Bingen (1098-1179)

Conhecida como a Profetisa do Reno, Hildegarda de Bingen, abadessa beneditina alemã do século XII, viveu uma vida de grande produção intelectual, a ponto de figurar como uma importante intelectual da Idade Média (LE GOFF, 1957; FAUTRIER, 2018). Nasceu em Bermersheim, em 1098, na época da Primeira Cruzada (1096-1098), e conviveu com a Segunda Cruzada (1147-1149). Faleceu em Rupertsberg, em 1179, próximo a Bingen. De família nobre, aos 8 anos, foi enviada ao mosteiro misto de São Disibodo (c. 1106). Tornou-se abadessa desse mosteiro em 1136, após a morte de Jutta, sua magistra. Seguindo uma orientação espiritual, entre 1148 e 1150, construiu um mosteiro só para mulheres, em Rupertsberg. Em 1165, construiu um segundo mosteiro feminino, em Eibingen.

A obra *Vita Sanctae Hildegardis* – normalmente referida como *Vita* (denominação das biografias na Antiguidade) – é a principal fonte biográfica de Santa Hildegarda. Foi escrita por dois monges, Godofredo de Disibodenberg e Teodorico de Echternach, entre 1173 e 1175, enquanto Hildegarda ainda estava viva. Godofredo escreveu o Livro I dessa obra, e Teodorico de Echternach assumiu a tarefa de terminá-la, concluindo-a em 1190, após a morte de Hildegarda e de Godofredo (PAZ, 1999, p. 11-13).

Além das obras escritas, as cartas da abadessa testemunham que ela atuou como exorcista, conselheira espiritual de pessoas eminentes, tais como o Imperador Frederico Barba Ruiva e a rainha Leonor de Aquitânia, e que pregou o Evangelho em praça pública, em importantes cidades alemãs (LENOIR, 2007; PERNOUD, 1996).

Embora Hildegarda tenha sido cultuada como santa já no século XIII (PAZ, 1999), foi apenas em 10 de Maio de 2012, que o processo de sua canonização foi efetivado. O Papa Bento XVI, além de levar a cabo sua canonização, em 7 de Outubro de 2012, também elevou-a à condição de Doutora da Igreja Católica Romana, honraria que compartilha com outras três santas católicas: Catarina de Siena, Teresa de Ávila e Teresa de Lisieux.

O nome de Hildegarda de Bingen começou a ser difundido a partir da publicação de suas obras (quase) completas na Patrologia latina (PL), organizada por J.-P. Migne. Essa publicação deu-se em 1855, ocupando as colunas de 1125 a 1352, do volume 197. No final do ano de 2007, apareceu na prestigiada coleção *Corpus christianorum continuatio medievalis* das edições Brepols um volume coletivo intitulado *Hildegardis Bingensis Opera Minora*. O volume das "Obras Menores" contém escritos curtos como a "Vida de São Disibodo" e a "Vida

de São Rupert”. Como salientou Moulinier (2012), com a publicação do volume das Opera Minora assume-se uma “hierarquia” das obras da abadessa.³

A famosa abadessa das margens do Reno foi realmente uma prolífica visionária, produzindo obras de vários tipos: além de uma rica correspondência e de três livros de visões, devemos a ela um tratado de ciências naturais, uma “língua desconhecida”, um “alfabeto desconhecido”, um drama litúrgico e composições líricas. Ela também escreveu a vida dos santos padroeiros de dois mosteiros onde viveu, Disibodenberg e Rupertsberg, e textos didática ou exegética, como a Regra de São Bento comentada e Trinta e Oito Perguntas sobre as Escrituras, em glosas, para os cistercienses de Villers-en-Brabant, e o Credo Atanasiano, explicado às suas próprias irmãs (MOULINIER, 2012).

Por meio da língua latina, Hildegarda deu novos horizontes às próprias dimensões religiosas, místicas, artísticas e científicas de seu tempo. Contribuiu igualmente para o desenvolvimento do dialeto alemão franco-renano, aumentando o seu poder de expressão. Observaremos adiante a presença de várias palavras da sua língua natal em excertos de capítulos do Livro de Plantas. Hildegarda, na atualidade, já recebeu por tradutores, teólogos e historiadores várias expressões qualificativas. Pernoud (1996) a considera como a “consciência iluminada do século XII”; Gorceix (1982) a identifica como uma “grande figura, com uma grande obra, num grande século” e Dumoulin (2012) a enaltece como a “profeta e doutora para o terceiro milênio”.

De uma maneira geral, o século XII no qual viveu Hildegarda representou uma fase da Idade Média de grande progresso, em diversas áreas do conhecimento. Como um exemplo marcante, podemos citar a construção de catedrais, cuja arquitetura demandava um notável conhecimento de geometria e de matemática. A produção de conhecimento foi igualmente estimulada com o desenvolvimento das Universidades e, favorecida pela urbanização, definiu o caráter intelectual desse século (LE GOFF, 1957). De fato, o século XII deixou sua marca no ensino superior, na filosofia escolástica, nos sistemas de direito europeu, na arquitetura e na

3 Podemos dividir seus escritos pelos seguintes temas: i) hagiografia: *Vita Sancti Disibodi* (“Vida de São Disibodo”), *Vita Sancti Ruperti* (“Vida de São Ruperto”); ii) trabalhos exegéticos: *Solutiones triginta octo quaestionum* (“Decomposições de trinta e oito questões”), *Explanatio Regulae Sancti Benedicti* (“Explicação da Regra de São Bento”), *Explanatio Symboli Sancti Athanasii* (“Explicação do Credo de Santo Atanásio”), *Expositiones Evangeliorum* (“Exposições dos Evangelhos”); iii) obras teológicas e místicas: *Scivias* (abreviação de *Scito vias Domini* “Conheça os caminhos do Senhor”), *Liber Vitae Meritorum* “Os Livros dos Méritos da Vida”, *Liber Divinorum Operum* “Livro das Obras Divinas”; iv) medicina e ciências naturais: *Physica* “Física” e *Causae et curae* “Causas e curas”; v) música e poesia: *Symphonia Harmoniae Caelestium Revelationum* “Sinfonia da Harmonia das Revelações Celestes” (77 peças), *Ordo Virtutum* “A ordem das Virtudes” (auto sacro musicado); vi) linguística: *Lingua Ignota* “Língua Desconhecida”; (vii) epistolografia: *Litterae* “Cartas” (MARTINS, 2019).

escultura, no drama litúrgico, na poesia latina e no surgimento das línguas vernáculas (BENSON; CONSTABLE, 1992; HASKINS, 1955). A medicina igualmente ganhou força, pela retomada das traduções para o latim de textos gregos, muitos através da língua árabe, por monges beneditinos. No entanto, desde o final do século VI d.C, essa antiga ordem religiosa católica de clausura monástica, empenhou-se em promover diversas atividades intelectuais e estimulou também a prática da medicina fitoterápica, pois, em qualquer convento beneditino, existia uma horta.

A obra científica de Hildegarda de Bingen: *Physica e Causae et Curae*

A obra científica de Hildegarda de Bingen está contida em dois tratados, conhecidos atualmente sob os títulos que lhes foram dados pelos seus primeiros editores: *Physica* e *Beatae Hildegardis Causae et Curae* (ou simplesmente *Causae et Curae*). Entretanto, não devemos à Hildegarda esses títulos. *Physica* foi atribuído por Schott, em 1533, seu primeiro editor, e *Causae et Curae*, pelo copista do único manuscrito que chegou até nós, datado do século XIII: *Beatae Hildegardis causae et curae. Physica* e *Causae et Curae* são igualmente chamados de *Liber simplicis medicinae* e de *Liber compositae medicinae*.

Hildegarda, no prólogo do *Liber vitae meritorum*, menciona os ensinamentos que recebeu das visões, refletidos no nome de seus livros. Em uma das visões, afirma que lhe foram transmitidas as *subtilitates diversarum naturarum creaturarum* “as sutilezas das diversas criaturas naturais”. A segunda menção a esse título está presente em uma carta de seu secretário Volmar, que pergunta à abadessa onde estaria “a exposição das diversas criaturas da natureza” (*Ubi tunc expositio naturarum diversarum creaturarum?*)⁴. Já, em 1220, Gebeno, prior do mosteiro cisterciense de Eberbach, reuniu algumas profecias de Hildegarda, retiradas do contexto original de suas obras, num livro que chamou de *Speculum futurorum temporum* “Espelho dos Tempos Futuros”. Numa segunda versão da carta dedicatória desse livro, Gebeno enumerou todas as obras da abadessa e lhe atribuiu a autoria de dois tratados de medicina, intitulados como duas obras separadas: *Liber simplicis medicine* e *Liber medicine compositae* (MOULINIER, 2003, p.2).

Enquanto estudiosa dedicada às ciências naturais, Hildegarda tem sido considerada, atualmente, como agrônoma (MOULINIER, 1998), naturopata científica (STREHLOW, 2019),

⁴ Cf. HILDEGARDIS. *Epistolarium* II, ep. 195, p. 443, apud MOULINIER (2003, p.1): “Ubi tunc expositio naturarum diversarum creaturarum?”

psicóloga (STREHLOW, 2002; TROUVÉ; DUMOULIN, 2014), médica (HERTZKA, 1993) e, mais amplamente, como enciclopedista, com base nos critérios de hierarquização e na totalidade da informação veiculada (DRONKE, 1984; MOULINIER, 1994b; LE GOFF, 1994).

Atualmente, apenas uma de suas obras encontra-se traduzida para o português por uma editora comercial. Trata-se do livro *Sciuias*, cuja tradução foi realizada a partir da língua inglesa. *Sciuias* - abreviatura de *Scite uias Domini* “Conhece os caminhos do Senhor” faz parte de um tríptico visionário, constituído por essa obra, e seguida por *Liber Vitae Meritorum* “O Livro dos Méritos da Vida” e *Liber Divinorum Operum* “O Livro das Obras Divinas”. Nessas obras Hildegarda descreveu e interpretou suas visões, recebidas do plano espiritual pela “Luz Viva”: “escreve com base não na linguagem do homem, não na inteligência da invenção humana, não na vontade humana de organização, mas, com base no fato de que vê e ouve o que vem lá do alto, do céu e das maravilhas de Deus (Prólogo do “Livro das Obras Divinas”, apud VANNIER, 2015, p.18).

Physica é composto de nove livros, cuja sequência é: *De plantis*, *De elementis*, *De arboribus*, *De lapidibus*, *De piscibus*, *De auibus*, *De animalibus*, *De reptilibus*, *De metallibus* (“Das Plantas”, “Dos Elementos”, “Das Árvores”, “Das Pedras”, “Dos Peixes”, “Das Aves”, “Dos Animais”, “Dos Répteis”, “Dos Metais”). Esta obra foi escrita entre 1150 e 1158, quando Hildegarda estava instalada no primeiro mosteiro que construiu. Em meio a uma natureza selvagem e exuberante, pôde realizar um trabalho de verdadeira naturalista. Isso explica a quantidade de plantas selvagens, denominadas em sua língua materna, o alto-médio alemão, descritas no *Livro de Plantas (Liber I de Physica)*.

Causae et Curae estrutura-se em cinco livros: *Livro I*: criação do mundo, cosmologia e cosmografia (inspirado no Gênesis); *Livro II*: doenças às quais o homem pode estar sujeito; *Livros III e IV*: curas para as enfermidades; *Livro V*: questões gerais sobre medicina, como os sinais de vida e de morte, a aplicação da uroscopia e astrologia para diagnósticos médicos e indicações básicas de higiene.

Como visionária, antes de mais nada, Hildegarda afirmava que tudo o que escrevia era proveniente de Deus e que ela não devia nada ao saber humano. Em uma carta a Guibert de Gembleaux, que, futuramente viria a ser seu secretário, Hildegarda disse que “por meio da luz viva” (*per viam viventis luminis*) tinha sido informada de que seu primeiro livro deveria se chamar *Sciuias (Scite uias Domini)* (“Conhece os caminhos (sc. “do Senhor)”) e que através

dessa luz todo o conhecimento lhe seria revelado⁵. Uma vez tendo declarado que suas visões e que seu conhecimento eram provenientes de Deus, por uma questão de coerência ou de “lógica visionária”, nas palavras de Gorceix (1982), suas fontes também não poderiam ser reveladas em seus trabalhos científicos.

Pelas nossas categorias disciplinares atuais, *Physica* e *Causae et Curae* abordam temas de ciências naturais e de medicina. Com efeito, ela pode ter se inspirado tanto na Bíblia, quanto em lapidários, herbários, enciclopédias e na literatura médica, ela mesma suscetível a várias subdivisões.

Estamos neste momento no processo de tradução de *Physica*, mais especificamente na reta final da tradução do *Livro de Plantas*, o primeiro e mais extenso dos nove livros de *Physica*. O texto latino que estabelecemos para a tradução é o da edição diplomática de Müller e Schulze (2008), baseada no manuscrito florentino. Os autores, na verdade, apresentam, em sua edição, o texto latino da *Patrologia Latina*, cuja base é o manuscrito de Paris (ms. lat. 6952, do século XV), na página da esquerda. Na página da direita, apresentam o texto latino baseado no manuscrito denominado *Codex Ashburnham 1323*, de cerca de 1300, localizado na Biblioteca Medicea Laurenziana, em Florença. Müller e Schulze permitem assim que o leitor observe as diferenças entre os dois textos. As traduções de que dispomos atualmente provêm da edição de Daremberg e Reuss (1855), estabelecida a partir do manuscrito de Paris, e difundida através do volume 197 (colunas 1125 a 1352) da *Patrologia Latina* de Migne. A nível mundial, não contamos com nenhuma tradução de *Physica* a partir do manuscrito de Florença, que, segundo os autores, é mais completo e mais coerente do que o de Paris. Nessa perspectiva, a nossa tradução é relevante tanto em nível nacional quanto internacional.

O Livro de Plantas (*De Plantis - Liber I de Physica*) e suas possíveis fontes

O uso de plantas como remédio encontra-se presente na Bíblia. Ezequiel (Ez. 47:12) refere-se às numerosas árvores da Terra Prometida, “cujas folhas não murcharão e cujos frutos não se esgotarão”, e diz que “os seus frutos servirão de alimento e as suas folhas de remédio”.

A famosa planta do mosteiro beneditino de Saint-Gall (ca. 820) mostra que havia dois jardins fisicamente separados: um para consumo alimentício – *hortus* – e outro para uso

⁵ Apud MOULINIER, 1995, p. 19. O texto integral desta carta foi publicado pela primeira vez em DRONKE, P. (1984, p. 250-255).

terapêutico e medicinal – *herbularius*. Ademais, os livros de Beneditus Crispus (685-732, arcebispo de Milão) e Walahfried Strabo (808-849, abade do mosteiro de Reichenau, na Alemanha) exibem o claustro de um mosteiro beneditino como um lugar privilegiado para a aquisição de conhecimento sobre as plantas. O primeiro escreveu um poema em hexâmetros dactílicos enaltecendo a virtude das plantas e o uso delas para o tratamento de vinte e seis doenças. Walahfried Strabo, por sua vez, em *Liber de Cultura Hortorum* (ou simplesmente *Hortulus*), descreveu vinte e três plantas cultivadas para usos diversos, inclusive medicinais. Assim como Strabo, Hildegarda aconselha que a rosa seja misturada a poções, unguentos e a todos os medicamentos a fim de aumentar a sua qualidade, e indica o uso de suas pétalas para clarear os olhos e para curar pequenas feridas (*Livro de Plantas, XXII - De rosa*).

Em linhas gerais, as plantas utilizadas por Hildegarda transformavam-se em colírios, pós, unguentos, poções, purgantes, eletuários, elixires e biscoitos. Esses empregos remontam às mais antigas civilizações.

No *Livro de Plantas, Livro I de Physica*, o processo de utilização dos vegetais variava de acordo com a estação do ano. Em épocas quentes, a indicação de uso das ervas era *in natura*, através de sucos verdes. No frio, o consumo provinha das folhas secas, que eram trituradas e fervidas com vinho e água, resultando, assim, em um elixir. Em certos casos, eram misturadas com farinha de espelta e cozidas para serem consumidas como biscoitos. É importante ressaltar que a farinha de espelta era utilizada para fabricar pomadas desde a Antiguidade. Teofrasto (séc. IV a.C.) deixou-os uma receita cuja base é essa farinha, misturada a tâmaras e queijo. Com amido e gordura, misturados à cerveja, sucos ou resinas, obtinha-se uma pomada, utilizada para fazer curativos em lesões de pele. Ele próprio atribui essa receita aos sumérios (DELAVEAU, 1982, p.46).

Hildegarda praticava uma medicina baseada na Teoria dos Humores, formulada por Hipócrates (460-337 a.C.), sistematizada por Galeno (129-199), no século II, e difundida no século IV por Oribásio (320-400) (LE GOFF; SCHMITT, 2017, p. 173-189). Hildegarda pregava uma visão de saúde integrada, que poderia ser restaurada pela elevação da energia vital do ser humano, obtida através de uma alimentação equilibrada, exercícios físicos, preces e emprego de certos recursos da natureza, como o uso de pedras e ervas.

Segundo a Teoria dos Humores – terminologia derivada do sentido etimológico do termo, como ‘líquido orgânico’ (ERNOUT; MEILLET, 2001, p. 745) – todas as substâncias derivam-se de quatro elementos essenciais: a água, o ar, o fogo e a terra. Cada elemento é composto por um conjunto de qualidades primárias: quente, frio, úmido e seco. A doença era

atribuída ao nível dos quatro humores básicos do organismo (sangue, bílis (amarela), pituíta (muco/fleuma) e atrabílis (bílis negra)). De acordo com essa teoria, as plantas utilizadas nos tratamentos deveriam ter qualidades contrárias àquelas que os doentes apresentavam. Por exemplo, se uma pessoa estivesse desequilibrada por apresentar calor excessivo, ela deveria consumir uma planta cuja qualidade fosse fria. Porém, para uma pessoa que já tivesse excesso de frio no corpo, de modo algum poderia comer uma planta fria. É exatamente esse procedimento que se vê nas recomendações do *Livro de Plantas*, como exemplificado no capítulo VI, *pisa* ("ervilha").

Pisa frigida et aliquantulum fleumatica existit, et comedentes pulmonem aliquantulum demphit, sed tamen homini, quid calide nature est, bona est ad comedendum et fortem illum facit. Illi autem, qui frigide nature est, et qui infirmus est, non ualet in commestione, quia multum slim in eo parat (MÜLLER; SCHULZE, 2008, p. 12.).

A ervilha se constitui como fria e um pouquinho fleumática, e deprime (*demphit*) um pouquinho o pulmão dos que a comem. Mas, para a pessoa de natureza quente é boa para comer e a faz forte. Porém, para a que é de natureza fria e que está fraca, não tem valor comestível, porque produz nela muito muco (Tradução nossa).

Assim como Strabo, aconselha que a rosa seja misturada a poções, unguentos e a todos os medicamentos a fim de aumentar a sua qualidade (Livro de Plantas, XXII - De rosa):

(...) Sed et rosa ad potiones et ad unguenta atque ad omnia medicamenta valet, si eis addatur ; et tanto meliora sunt, si eis aliquantum de rosa additum fuerit, quamvis parum, hoc est de bonis viribus illius, ut praedictum est (MÜLLER; SCHULZE, 2008, p. 23-24).

(...) Mas a rosa também é saudável para que se acrescente a poções, unguentos e a todos os medicamentos. Esses ficam um tanto quanto melhores, mesmo se forem acrescentados a eles uma pequena quantidade de rosa, por mais que seja pouca, devido às suas boas energias, como foi dito anteriormente (Tradução nossa).

Recomenda, igualmente, tal como Strabo, o emprego do marrúbio contra a tosse, dor de garganta e problemas intestinais, e preconiza uma medicação à base de arruda para quem tiver comido algo que lhe tenha feito mal (MOULINIER, 1994a, p. 79).

As possíveis influências ou fontes de Hildegarda variam conforme o livro em questão. Em relação ao *Livro de Plantas*, além da mencionada herança beneditina, temos evidências do influxo da primeira escola de medicina da Europa, a Escola de Salerno, e dos médicos Hipócrates e Galeno nas práticas de Hildegarda. Tal como os médicos da Escola de Salerno, a abadessa instruía que se aplicasse colírio com uma pluma. Quanto à confecção de biscoitinhos medicinais (*tortelae*), parece haver influência do *Corpus Hippocraticum* e de Galeno, porque ambos recomendavam inúmeros usos para os *trochischi* “pastilhas redondas, pílulas”

(MOULINIER, 1995, p.234). Em linhas gerais, as plantas utilizadas por Hildegarda transformavam-se em colírios, pós, unguentos, poções, purgantes, eletuários, elixires e biscoitos. Esses empregos remontam às mais antigas civilizações, tal como nos referimos anteriormente.

No *Livro de Plantas*, o processo de utilização dos vegetais variava de acordo com a estação do ano. Em épocas quentes, a indicação de uso das ervas era *in natura*, através de sucos verdes. No frio, o consumo provinha das folhas secas, que eram trituradas e fervidas com vinho e água, resultando, assim, em um elixir. Em certos casos, eram misturadas com farinha de espelta e cozidas para serem consumidas como biscoitos. É importante ressaltar que a farinha de espelta era utilizada para fabricar pomadas desde a Antiguidade. Teofrasto (séc. IV a.C.) deixou-nos uma receita cuja base é essa farinha, misturada a tâmaras e queijo. Com amido e gordura, misturados à cerveja, sucos ou resinas, obtinha-se uma pomada, utilizada para fazer curativos em lesões de pele. Ele próprio atribui essa receita aos sumérios (DELAVEAU, 1982, p.46).

Extraímos abaixo um trecho do capítulo *Suertele* ou *acorus* (CXVIII) = “Íris”, para exemplificar o seu uso como pomada:

In maio autem succum eorundem foliorum tolle et aruinam in patella liquefac, et succum istum adde et sic unguentum para, [gl: acima] ita ut uiride appareat, et illum, qui minutam, id est cleinen, scabiem habet, eodem unguento sepe [gl: scabies minuta] perunge, et curabitur. Nam scabies de repentino calore superfluum humorum surgens uirtute gladiole minoratur et bono calore aruine superatur, cum sibi commiscentur (MÜLLER; SCHULZE, 2008, p. 81).

Em maio, extraia o suco das folhas, dissolva banha de porco numa vasilha e adicione esse suco. Prepare, assim, um unguento que pareça verde. A pessoa que possui uma pequena ulceração, isto é, *cleinen*, ou eczema aplique esse unguento frequentemente, e será curada. Com efeito, a ulceração surge do repentino calor dos humores em excesso, que é reduzido pelas qualidades da íris, e vencido pelo bom calor da banha, quando misturados (Tradução nossa).

Apesar do progresso espetacular da medicina moderna, as antigas tradições terapêuticas, tais como as difundidas por Hildegarda, vêm sendo retomadas como uma alternativa mais natural para o tratamento de várias enfermidades. Na verdade, essas técnicas sempre se perpetuaram oralmente na história da humanidade. No entanto, hoje em dia a eficácia dos tratamentos com plantas tem sido comprovada cientificamente, como atestam os trabalhos dos doutores Strehlow e Hertzka, conforme a bibliografia indicada.

Considerações finais

Procuramos neste texto situar brevemente Hildegarda de Bingen entre outras personalidades femininas da Antiguidade Clássica, da Antiguidade Tardia e da Idade Média. Buscamos igualmente divulgar a sua vida e a sua extensa obra, em particular a científica. Hildegarda é admirável tanto pela extensão, quanto pela variedade e profundidade de suas obras. Trata-se de uma mulher dotada de muitos dons intelectuais, artísticos e espirituais. Não só suas terapias naturais estão sendo retomadas atualmente, como também suas composições musicais têm sido estudadas e teorizadas, pois inovam o canto gregoriano. Também no aspecto de sua teologia espiritualista Hildegarda vem sendo revisitada. Tal como foi profetisa em seu tempo, Hildegarda ainda é em nossa época, pois muitas pessoas buscam seus conselhos e orientações, em suas obras, em muitos países da Europa e nos Estados Unidos. Infelizmente, sua vasta literatura ainda não conta com tradução em língua portuguesa. Como referimos anteriormente, apenas o livro *Sciuias* foi traduzido para o português. Neste momento, estamos no processo de tradução do *Livro de Plantas*, primeiro e mais longo dos livros de *Physica*, ocupando dois terços dessa obra. Ao mesmo tempo, avançamos na pesquisa sobre a medicina monástica, sobre a Teoria dos Humores e sobre a contextualização histórica de seu tempo. Uma das tarefas mais difíceis é a interpretação de termos técnicos e científicos distante quase mil anos da época atual.

A descrição da natureza e a aplicabilidade medicinal dos reinos vegetal, animal e mineral que encontramos nas obras científicas de Hildegarda pertencem a uma longa tradição que remonta à Antiguidade, retomada com vigor na Idade Média. Não podemos afirmar, entretanto, que a composição da literatura médica de Hildegarda seja somente uma reprodução de textos preexistentes, porque através das pesquisas que realizamos já percebemos que ela interpretava o conteúdo médico com alto grau de individualidade. Hildegarda era uma abadessa que escrevia sobre medicina, o que em si não tem precedentes. Nesse sentido, ela nos oferece uma rara oportunidade de avaliar a forma como as mulheres medievais praticavam a medicina e participavam do discurso médico. Isso é especialmente crucial, pois as vozes femininas são sub-representadas na história da medicina, tanto como profissionais, quanto como escritoras médicas. Apenas Trótula de Salerno (1050-1097) foi levada em consideração em todo o período medieval. Essa escassez de informação pode, é claro, apenas refletir as muitas lacunas que cercam as mulheres do início da Idade Média e a produção de livros em geral. Nesse aspecto, como em tantos outros, Hildegarda estava cruzando as fronteiras de gênero tradicionais. Temos em mente não só resgatar o conhecimento disseminado por essa abadessa medieval, o qual ainda

é bastante atual, difundido sobretudo na fitoterapia, mas também dar a conhecer a herança multissecular vinculada à sabedoria propagada por Hildegarda.

Edições e Traduções

BINGEN, Hildegarda de. **Lettres**. Grenoble: Jérôme Millon, 2007. 262 p. Tradução de Rebecca Lenoir.

BINGEN, Hildegarda de; HILDEBRANDT, R (ed.). **Physica: Liber Subtilitatum Diversarum Naturarum Creaturarum: Band 3: kommentiertes register der deutschen wörter**. Marburg: De Gruyter, 2014. 420 p.

BINGEN, Hildegarda de; KAISER, P. (ed.). **Causae et Curae**. Leipzig: B.G. Teubeneri, 1903. Disponível em: <https://archive.org/details/hildegardiscaus00hildgoog/page/n10>. Acesso em 05 set. 2018.

BINGEN, Hildegarda de; MONAT, P. (ed.). **Les causes et les remèdes**. Paris: Jérôme Millon, 2019. 302 p.

BINGEN, Hildegarda de. MONAT, P.; METTRA, C. (eds.). **Physica: le livre des subtilités des créatures divines**. Grenoble: Jérôme Millon, 2011. 304 p.

BINGEN, Hildegarda de; MOULINIER, L. (ed.). **Beate Hildegardis cause et cure**. Berlin: Akademie Verlag, 2003.

BINGEN, Hildegarda de; MÜLLER, I; SCHULZE, C. (ed.). **Physica**. Edition der Florentiner Handschrift (Cod. Laur. Ashb. 1323, ca. 1300) im Vergleich mit der Textkonstitution der Patrologia Latina (MIGNE). Hildesheim, New York: Olms-Weidmann, 2008. 435 p.

MIGNE, J.P. (ed.). **Sanctae Hildegardis Abbatisae Opera Omnia**. Patrologiae Cursus Completus. Series Latina, Vol. 197, col. 1117-1352. Paris: 1855.

Referências

BENSON, R.; CONSTABLE, G.. Renaissance and Renewal in the Twelfth Century. **Medieval Academy Reprints for Teaching 26**. Toronto, Buffalo and London: Medieval Academy of America, 1992.

DELAVEAU, P. **Histoire et renouveau des plantes médicinales**. Albin Michel: Paris, 1982. p. 46.

DICKENS, A.J. **The Female Mystic: great women thinkers of the middle ages**. Londres: I.B. Tauris, 2009. 256 p.

DUMOULIN, P. **Hildegarde de Bingen: prophète et docteur pour le troisième millénaire**. 4. ed. Châteaudun: Bèatitudes, 2012. 306 p.

DRONKE, P. **Women writers of the Middle Ages: A critical study of texts from Perpetua to Marguerite Porete**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984. 352 p.

- FÁVARO, A.M.; NÁPOLI, T.A.; LIMA, R.C. “A Paixão de Santa Perpétua e Santa Felicidade” (Passio Sanctarum Perpetuae et Felicitatis): tradução anotada. **Rónai – Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios**, v. 7, n. 2, p. 37-68, 11 dez. 2019.
- GAFFIOT, F. **Dictionnaire latin-français**. Paris: Hachette, 1934. Disponível em: <<https://www.lexilogos.com/latin/gaffiot.php?q=viriditas>>. Acesso em: 12 out. 2021.
- GLASSNER, J.-J. Dossier: la princesse Enheduana. *Pour la Science*, 370, 2008. Disponível em: <https://www.pourlascience.fr/sd/archeologie/dossier-la-princesse-enheduana-2276.php>. Acesso em: 29 de março de 2022.
- GUINARD, C. **Hildegarde de Bingen**: compositrice pionnière et icône médiévale. *France Musique*, 8 mar. 2020.
- HASKINS, C. Preface. In: **The Renaissance of the Twelfth Century**. Cambridge: Harvard University Press, 1927. p. V-VII.
- HERTZKA, G. **La petite pharmacie domestique de Hildegarde de Bingen**. Paris: Le Courrier du Livre, 1993. 236 p.
- HERTZKA, G.; WIGHARD, S. **Hildegard of Bingen’s Medicine**. Traduzido do alemão por Karin Anderson Strehlow. Rochester: Bear & Company, 1988.
- LE GOFF, J. **Les Intellectuels au Moyen Age**. Paris: Éditions du Seuil, 1957. 256 p.
- LEWIS, C. T.; SHORT, C. **A Latin Dictionary**. Oxford: Oxford University Press, 2021. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.04.0059:entry=amiculum>. Acesso em: 01 nov. 2021.
- LLOBET, M. D. E. **Christine de Pizan (1364-1430)**. Madrid: Orto Editions, 1999. 94 p.
- MARTINS, M.C. **Peregrinação de Egéria**: uma narrativa de viagem aos lugares santos. Uberlândia: Edufu, 2017. 324 p.
- MARTINS, M.C.S. Hildegarda de Bingen: Physica e Causae Et Curae. **Cadernos de Tradução** - Instituto de Letras UFRGS, Número Especial Semana de Estudos de Tradução, p. 159-174, 2018.
- MARTINS, M.C.S. A Peregrinação de Jerônimo e Paula. **Translatio**, v. 20, p. 198-230, dez. 2020.
- MARTINS, M.C.S. Physica: uma das obras científicas de Hildegarda de Bingen. **Rónai – Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios**, v. 8, n. 1, p. 3–18, 2020. DOI: 10.34019/2318-3446.2020.v8.28175.
- MOULINIER, L. Hildegarde de Bingen, Le Plantes Médicinales et le Jugement de la Postérité: pour une mise en perspective. **Scientiarum Historia**, v. 1, n. 2, p. 77-95, 1994a.
- MOULINIER, L. Un encyclopédisme sans précédent? Le cas de Hildegarde de Bingen. In: PICONE, M. **L’enciclopedia medievale**. Ravenna: Longo Editore, 1994b. p. 119-134
- MOULINIER, L. **Le Manuscrit Perdu à Strasbourg**: enquête sur l’œuvre scientifique de Hildegarde. Sorbonne: Presses Universitaires de Vincennes, 1995. 286 p.
- MOULINIER, L. Abbesse et agronome: hildegarde et le savoir botanique de son temps. In: BURNETT, C.; DRONKE, P. (eds.). **Hildegard of Bingen**: the context of her thought and art. London: Warburg Institute, School Of Advanced Study, University Of London, 1998. p. 135-156.

MOULINIER, L. Oeuvres complètes et œuvres qu'on prête à propos des Opera omnia de Hildegarde de Bingen (1098-1179). In: DIDIER, B.; NEEFS, J.; ROLET, S. (ed.). **Composer, rassembler, penser les œuvres complètes"**. Saint-Denis: Presses universitaires de Vincennes, 2012. p. 165-186.

PAZ, X. C. S. Introducción. In: BINGEN, Hildegarda de. **O desfile das virtudes (Ordo virtutum)**. Coruña: Departamento de Filoloxías Francesa e Galego-Portuguesa da Universidade da Coruña, 1999. p. 11-68.

PERNOUD, R. **Hildegard de Bingen: a consciência inspirada do século XII**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996. 136 p. Tradução de Eloá Jacobina.

STREHLOW, D. W. **Hildegard of Bingen's Spiritual Remedies**. Rochester: Healing Arts Press, 2002. 272 p.

STREHLOW, W. **Les trésors thérapeutiques d'Hildegarde: achillée, millefeuille, violette, galanga, pyrèthre d'afrique: 4 puissants remèdes en cas de maladie, d'opération, de convalescence**. Eckbolsheim: Éditions Du Signe, 2019. 160 p.

STREHLOW, W.; HERTZKA, G. **Hildegard of Bingen's medicine**. Rochester: Inner Traditions – Bear & Company, 1988. 161 p.

TROUVÉ, M.; DUMOULIN, P. **Les mérites de la vie: principes de psychologie chrétienne**. Nouan-le-Fuzelier: Éditions des Béatitudes, 2014. 361p.

TONATO, D. C. **Jurisperita: O Feminino no Direito – Academia e Carreiras Jurídicas**. Porto Alegre: UFRGS, 2019. 146 p.

YONGE, C. D. (ed.). The Orations of M. Tullius Cicero. Londres: George Bell & Sons, 1903. Disponível em:

https://web.archive.org/web/20060221001939/http://www.uah.edu/student_life/organizations/SAL/texts/latin/classical/cicero/inverrems.html